

O Clássico Totalmente Expurgado: censura e educação na edição de autores latinos

FÁBIO FROHWEIN DE SALLES MONIZ

Doutorando em Letras pela UFRJ / Bolsista CNPq

O objetivo deste artigo é discutir questões em torno às edições da obra de Horácio e Catulo, ligadas a técnicas de censura de passagens consideradas como obscenas na literatura latina. Ao longo da exposição, abordar-se-ão ainda algumas das relações entre expurgo e *paidéia* aristocrática, de modo a ficar evidente que o controle do obsceno, além de manter ligação direta, embora negativa, com o processo de democratização da cultura em fins do século XVIII e durante o século XIX, revela também a idealização da literatura antiga, a partir de padrões comportamentais do mundo pós-antigo, cunhando um modelo de clássico voltado para o ensino.

A respeito da censura à literatura latina, o Professor Silva Bélkior fez uma importante constatação em edições da obra de Quinto Horácio Flaco, o poeta das odes pátrias romanas: algumas passaram por um processo de “purificação” através de técnicas de censura ao vocabulário ou conteúdo do texto original avaliados como obscenos. À guisa de exemplo, cita edições voltadas para o ensino, uma delas inclusive publicada por editora universitária, a *Cornell University*. As formas de repressão são dos mais variados tipos: omissão da tradução de poemas “obscenos”, supressão total ou parcial de poesias ou ainda a tradução atenuada. Buscando compreender a razão para os expurgos, Silva Bélkior lista versos suprimidos do texto em latim e aventa hipóteses. No entanto, com relação a determinados cortes, a exemplo da 5ª ode, do 1º livro, que foi totalmente omitida, manifesta certo espanto:

O texto latino desta ode dirigida a Pirra, umas das amantes de Horácio, não contém expressões que possam ser julgadas inconvenientes. Descreve o poeta, com vivacidade, o encontro amoroso entre a cortesã e um belo jovem (*gracilis puer*) no interior ameno de uma gruta (*grato sub antro*), onde ele, agora, usufrui do corpo da amante (*nunc te fruitur*), na ilusão de que ela será sempre sua. Pode ter sido esta descrição o que motivou o “expurgo” do poema. (BÉLKIOR: s.d., 71)

Outra edição, não das poesias de Horácio, mas de Catulo, Tibulo e Propércio, favorecerá um encaminhamento para a solução do problema. Trata-se de uma coletânea em

dois tomos impressa em 1685, em Paris, pela tipografia do Rei Leonardo Frederico e dos tipógrafos do Clero Francês, conforme registra a imprensa. Há, em cada volume, uma carta ao “delfim”, a quem se destina a edição, escrita por Philippus Silvius, o responsável pelas interpretações e notas aos poemas. No primeiro tomo, compilaram-se os *carmina* de Catulo e Tibulo. Para o segundo, ficaram os poemas de Propércio e os versos “obscenos”, extraídos da obra dos três poetas. É mister que se diga que tais expurgos não são anunciados na página de rosto, embora o *modus operandi* dos editores da época primasse pela informação prévia do conteúdo e de características técnicas do livro, como notas, ilustrações, tradução, etc.. As razões para o expurgo são explicitadas no texto de abertura dos *expurgata*:

TYPOGRAPHUS
AD
LECTOREM.

Nonnullos versus obscenos tum e Catullo, tum ex Tibullo, ac Propertio resectos, tanquam Augusto no solum Principi, cui hoc Opus est consecratum, indignos, sed et cuilibet etiam verecundo ac probo Lectori invisos, separatim editos, alienisque Notis illustratos, ne quid huic trium elegantissimorum Poetarum editioni deesse videretur, subjecimus. (SILVIVS: 1685, 760) (1)

A edição de Philippus Silvius, com relação à prática do expurgo, traz à tona um novo dado. Lynn Hunt em *A invenção da pornografia* (1999) observa que a supressão de passagens obscenas decorreu de uma reação à democratização da cultura, em fins do século XVIII e ao longo do século XIX. No entanto, a referida edição data do século XVII e foi composta não para a burguesia ou para o populacho. O centro das preocupações é o delfim, primogênito do rei de França, herdeiro do trono. A repressão à obscenidade, no caso, deriva da preocupação com a educação do futuro monarca, calcada num sistema de valores cristãos.

Por outro lado, existem obviamente edições expurgadas que não se destinam à alta aristocracia. Ainda no século XX, pratica-se a supressão de versos de poetas clássicos, como por exemplo na edição das *Metamorfoses* de Ovídio, publicada na Itália em 1942 por Antônio Vallardi, em que o 2º livro foi cortado em 45,4%. É certo que o hábito do expurgo não se circunscreveu à educação dos aristocratas, alastrando-se à *paidéia* burguesa. No *continuum* da transmissão da literatura antiga, assinala-se uma atitude ininterrupta de modelação dos clássicos para que se adéquiem ao pudor, tornando-os assim uma leitura segura. Nessa instância, há dois clássicos a serem discernidos: o clássico original, em que abundam passagens consideradas obscenas pelo mundo pós-Antigo, a darem livre trânsito à

sexualidade, e o clássico modelado para servir ao paradigma cristão de ordem, harmonia, virtuosismo, presente nas histórias das estéticas do Ocidente:

Depois o vocábulo sofreu várias transformações, passando a designar um valor, estético, ético, mas principalmente didático: um escrito “clássico” veio a ser uma composição literária reconhecida como digna de ser estudada nas “classes” das escolas. (GUINSBURG: 1978, 262)

Convém sublinhar que a adjetivação empregada por Jacó Guinsburg para a definição de clássico, “*digno*”, contrasta com a utilizada na explicação do tipógrafo da edição de 1685 para os expurgos, “*indignos*”. Sendo assim, só interessa à sociedade manter na literatura antiga o que espelhe sua ideologia. A censura ao encontro entre o jovem e a cortesã na 5ª ode do 1º livro, que causa espanto a Silva Bélkior, embora não choque com a linguagem, choca com a cena: não é correto que os jovens cresçam lendo poemas em que a juventude visite os amores das prostitutas, isto é, não se trata apenas da vigilância do vocabulário, mas do conteúdo, dos ensinamentos, enfim, das cenas da literatura.

À guisa de exemplo, eis o que foi cortado da obra de Catulo na edição de Philippus Silvius:

- 1 – Carmen VI (*Ad Flavium*), parte do verso 10 (*tremulique quassa lecti*) e versos 11-14;
- 2 – Carmen X (*Ad Varri Scorto*), parte do verso 12 (*irrumator*);
- 3 – Carmen XI (*Ad Furium et Aurelium*), parte dos versos 19-20 (*identidem omnium/ Ilia rumpens.*)
- 4 – Carmen XIII (*Ad Fabullum*), parte do verso 4 (*candida puella.*);
- 5 – Carmen XV (*Ad Aurelium*), parte do verso 9 (*tuoque pene*) e versos 10-12;
- 6 – Carmen XVI (*Ad Aurelium et Furium*) na íntegra;
- 7 – Carmen XVII (*Ad Coloniam*), verso 18;
- 8 – Carmen XIX (*Hortorum Deus*), parte do verso 6 (*coloni*);
- 9 – Carmen XX (*Hortorum Deus*), parte dos versos 18 e 21 (*sine arte mentula/ mentula*)
- 10 – Carmen XXI (*Ad Aurelium*), verso 4, parte do 8 (*prius irrumatione*) e versos 12-13;
- 11 – Carmen XXVIII (*Ad Veranium et Fabullum*), versos 9-10, parte do 12 (*nam nihilo minore verpa*) e parte do 13 (*Farti estis*);
- 12 – Carmen XXIX (*In Caesarem*), parte do verso 14 (*diffututa mentula*);
- 13 – Carmen XXXII (*Ad Hysithillam*), parte do verso 7 (*paresque nobis*) e versos 8-11;
- 14 – Carmen XXXIII (*In Vibennium et Furium Cinaedum*), verso 4, parte do verso 7 (*et nates pilosas*) e verso 8;
- 15 – Carmen XXXVII (*Ad Contubernales*), versos 3-8 e parte do verso 9 (*At qui putate*);
- 16 – Carmen XLI (*De Acme*), parte do verso 1 (*difututa*);
- 17 – Carmen LVI (*Ad M. Catonem Porcium*), versos 5-7;
- 18 – Carmen LXVII (*Ad Januam Impudicae*), versos 21-22;
- 19 – Carmen LXIX (*In Rufum*), parte do verso 1 (*quare foemina nulla*) e parte do verso 2 (*velit tenerum supposuisse femur*);
- 20 – Carmen LXXI (*Ad Virronem*), versos 5-6;
- 21 – Carmen LXXIV (*In Gellium*), versos 3-6;
- 22 – Carmen LXXVIII (*De Gallo*), verso 4;
- 23 – Carmen LXXX (*Ad Gellium*), versos 6-8;
- 24 – Carmen LXXXVII (*In Gellium*), versos 1, 2 e 8;

- 25 – *Carmen* XCII (*In Caesarem*), aparecem na antologia somente os versos *Nil nimium studeo, Caesar, tibi velle placere:/ Nec scire utrum sis albus an ater homo;*. O restante ficou para os *expurgata*.
- 26 – *Carmen* XCV (*De Aemilio*), versos 7-12.

Os *expurgata* da edição de Philippus Silvius revelam que 26 poemas de Catulo, ou seja, cerca de 22% dos títulos, sofreram adulteração, em nome da educação do delfim. Ao lado dos fragmentos cortados, figuram ainda notas que servem de argumento para a censura, e.g.:

- 2 – *Irrumator*.] A ruma, hoc est a mamma, dicitur irrumare, per quandam similitudinem; est enim irrumare virilia ad libidinem in os praeberere, qui vero recipit, fellare dicitur; unde et fellator et irrumator, fellatrix et irrumatrix. (2) (CATULO: 1685, 766)

Observe-se que a definição de *irrumator* está mais detalhada em Philippus Silvius do que em muitos dos atuais dicionários. Um dos mais consagrados dicionários de latim-português, elaborado por Francisco Torrinha, nem sequer registra o substantivo. No dicionário da Editora Porto, define-se *irrumator* como “*persona vil*” (3). O dicionário latim-francês de Félix Gaffiot traz para *irrumator*, cuja abonação é o verso 12 do *carmen* X de Catulo, que sofreu censura por Silvius, o sentido de: “*personne vile*” (4). Em outras palavras, “*Praesertim quibus esset irrumator*” (5) significaria, conforme Gaffiot, “Especialmente aos que [o pretor] foi pessoa vil”, sem motivo aparente para expurgo. No entanto, Philippus Silvius conceitua *irrumator* em nota como aquele que penetra a boca de alguém com o seu membro. Subentendem-se, portanto, o ativo (*irrumator*) e o passivo (*fellator*). Em assim sendo, a tradução proposta por João Angelo de Oliva Neto preserva melhor o caráter obsceno da linguagem: “*pior aos que o pretor foi fode-bocas,*” (6) Daí o corte de *irrumator* na edição de 1685.

Dentre as censuras feitas, há apenas uma que não apresentar nota. Trata-se do corte feito no 4º verso do *Carmen* XIII, *Ad Fabullum: candida puella*. O sintagma a priori parece não representar motivo para expurgo. já que *candida puella* significaria bela garota ou garota alva, como Lauro Mistura em recente antologia publicada pela Martins Fontes traduziu: “*uma jovem de pele bem alva*”. (7) No entanto, Philippus Silvius provavelmente julgou imoral a combinação vocabular e procedeu ao corte.

No *Carmen* XIII, Catulo convida Fabulo para uma ceia em sua casa. Por se achar de bolsos vazios, pede ao amigo que traga consigo farta comida, vinho, risadas e *candida puella*. Em retribuição, Fabulo terá *meros amores* e poderá sentir o maravilhoso perfume de Lésbia, a

musa de Catulo, de modo a desejar ser um grande nariz: “*pois um perfume te darei que à minha/ garota Vênus e os Cupidos deram,/ que ao sentires aos deuses vais pedir/ te façam, Fabulo, todo nariz.*” (8)

A atmosfera do poema leva o leitor a imaginar que dentre em breve, na casa de Catulo, realizar-se-á, não uma simples ceia, no modelo tradicional. O encontro parece ter por função reunir os amigos ao longo de horas divertidas, daí o pedido, no 5º verso, por *omnes cachinni*. Num contexto de grande influxo dos hábitos gregos na cultura latina, como foi o século I a.C., cujas ressonâncias vemos na própria estética dos *neotérois*, que dialogavam intertextualmente com poetas helenísticos, não seria exagero especular que a ceia corresponderia na verdade a um *symposion*. Ajustando o sentido de palavra à situação em cena, *puella* pode significar, ao invés de garota, jovem escrava, em oposição a *puer* (escravo novo), isto é, uma jovem escrava para servir a Catulo e Fabulo durante o *symposion*.

Tal linha de interpretação dialoga com a leitura de João Angelo de Oliva Neto, que traduziu *candida puella* como fina artista. Convém lembrar que era hábito na Antiguidade escolher, dentre as cativas, mulheres com habilidades musicais para atuarem como servas nos banquetes. As flautistas e harpistas que distraíam as horas dos convivas, pois, eram escravas. A fina artista de João Ângelo de Oliva Neto tratar-se-ia de uma escrava, uma escrava de luxo.

As servas do *symposion* estavam à plena disposição dos convivas. Não somente tocavam e dançavam, bem como temperavam o vinho e o distribuíam nas taças e ainda serviam como prostitutas. Na morfologia do adjetivo *candidus*, *a, um* há o radical *cand-*, presente também nos verbos *candeo* e *candescio*, respectivamente aquecer e aquecer-se. Em combinação com *puella*, *candida* significaria quente ou que aquece eroticamente. Em suma, *candida puella*: uma jovem escrava no esplendor sexual para alegrar o *symposion*.

À parte o risco de a tradução levar à extrapolação do poema, Phillipus Silvius com efeito considerou indigno de leitura o sintagma *candida puella*, já que o censurou. A poesia, se decodificada dessa maneira, revela ao leitor uma cena em que o sexo, para a fruição do prazer, choca-se com o código de conduta cristão, que ensina o homem a empregar a sexualidade única e exclusivamente para a procriação. Em nome de tais valores, a serem internalizados pelo delfim, a cena teve de ser censurada.

A atitude de Philippus Silvius impõe-se como um esclarecedor caso de censura do ensino institucionalizado aos clássicos. Se, desde há muito, Catulo é poeta canônico para o Ocidente, isto é, se sua obra é modelo de boa poesia e, portanto, indispensável ao estudo da cultura ocidental, por que a retalhação? Mas não só a obra de Catulo sofreu o processo de

expurgo. Nos *expurgata* da mesma edição, ocultaram-se versos ou fragmentos de versos das poesias de Tibulo e Propércio. Em edição de 1761, as sátiras de Juvenal foram expurgadas de toda a obscenidade. (9) Ovídio passou por igual processo. E, como vimos no trabalho de Silva Bélkior, Horácio.

A impressão que se tem é de quanto mais se investigam os mecanismos de controle da literatura antiga, tanto mais aumenta o elenco de autores com obras adulteradas, tanto mais se revela que uma fatia maior dos textos greco-latinos foi alterada intencionalmente. Se, por um lado, clássico é o autor cuja obra, por ser modelar, não deve faltar à formação educacional, por outro, a adulteração de textos, a depredação da obra, foi paradoxalmente a condição *sine qua non* para que o clássico entrasse na educação do delfim.

NOTAS

(1) TIPÓGRAFO/ AO/ LEITOR/ Apresentamos alguns versos obscenos extraídos de Catulo, Tibulo e Propércio, indignos não somente ao Augusto Príncipe, ao qual esta obra é consagrada, bem como recusados pelo bom costume para qualquer Leitor, editados em separado e ilustrados com outras notas, para que não pareça faltar nesta edição dos três mais distintos Poetas. (Tradução do autor)

(2) Por alguma semelhança, define-se “*irrumare*” a partir de teta, isto é, mama; de fato “*irrumare*” é oferecer com lascívia as genitais à boca, a despeito de quem [as] aceita chama-se “*fellare*”; donde não só “*fellator*” bem como “*irrumator*”, “*fellatrix*” e “*irrumatrix*”.

(3) Dicionário de latim-português: 2001, 373

(4) GAFFIOT: 1934, 859

(5) CATULO: 1996, 75

(6) *idem: ibidem*, 75

(7) *idem*: 2003, 11

(8) *idem*: 1996, 77

(9) JUVENAL: 1761

BIBLIOGRAFIA

BÉLKIOR, Silva. **Horácio e Fernando Pessoa**. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas (CBAG), s.d..

CATULO, Caio Valério, PROPÉRCIO, Sexto & TIBULO, Albio. **C. Valerii Catulli albi Tibulli et Sexti Aurelii Properti Opera.** (coment. e notas de Philippus Silvius) Paris: Tipografia do Rei Leonardo Frederico e do Clero Francês, 1685.

CATULO, Caio Valério. **O livro de Catulo.** (trad., introd. e notas de João Angelo de Oliva Neto). São Paulo: EDUSP, 1996.

Dicionário de latim-português. 2.ed. Porto: Porto Editora, 2001.

GAFFIOT, Félix. **Dictionnaire illustré latin français.** Paris: Hachette, 1934.

GUINSBURG, Jacó & ROSENFELD, Anatol. Romantismo e classicismo. In: GUINSBURG, Jacó. **O Romantismo.** 4.ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

HARVEY, Paul. **Dicionário Oxford de literatura clássica.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

FLACO, Quinto Horácio. **Odes e epodos.** (trad. de Bento Prado de Almeida Ferraz). São Paulo: Martins Fontes, 2003.

HUNT, Lynn. **Obscenidade e as origens da modernidade, 1500-1800.** In: HUNT, Linn (org.). **A invenção da pornografia.** São Paulo: Hedra, 1999.

INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2001

JUVENAL, Décio Júnio & PÉRSIO, Aulo. **Satyrae.** (interpret. e notas de P. Josephus Juvencius). Veneza: Nicolaum Pezzana, 1761.

MAGNE, Augusto. **Dicionário etimológico da língua latina.** Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1953. v.3.

MOSSÉ, Claude. **Dicionário da civilização grega**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

NASO, Públio Ovídio. **Metamorphoseon, libri I-II-III**. Milão: Antonio Vallardi Editore, 1942.

NOVAK, Maria da Gloria & NERI, Maria Luiza (org.). **Poesia lírica latina**. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

TORRINHA, Francisco. **Dicionário latino-português**. 3.ed. Porto: Marãnus, 1945.